



CELULAR NA AULA NÃO PODE, MAS AULA NO CELULAR PODEMOS!

Elder Cardoso Fernandes Silva¹

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo associar o que Sigmund Freud, escreveu em seu livro “escritos sobre a guerra e a morte” e os pensamentos de Foucault em “vigiar e punir” com o estado pandêmico que a sociedade brasileira tem vivido no ano de 2020, com foco nas mudanças das aulas escolares e a práxis docente. Primeiramente será traçada uma linha de evolução da Covid-19 e as principais mudanças causadas na econômica brasileira para que então possamos discutir sobre as instituições escolares e seu novo normal e como isso tem afetado e afetará a vida dos contribuintes do ambiente escolar.

Palavras-chave: Instituições Escolares – Novo Normal – Pandemia

1. INTRODUÇÃO

A presente discussão objetiva-se em relacionar os efeitos da pandemia da COVID-19 nas instituições escolares com dois livros: “VIGIAR E PUNIR” de Michel Foucault e “ESCRITOS SOBRE A GUERRA E A MORTE” de Sigmund Freud.

Para que faça sentido a discussão, foi utilizada a metodologia “Estado da Arte” como norteadora de pesquisa e fomentação de novos assuntos científicos que possam ajudar e proporcionar uma reflexão sobre o momento histórico a nível mundial que temos vivido que é a pandemia da COVID-19 e o que ela tem causado especificamente com a comunidade escolar a nível discente e docente e quais as marcas que isso deixará a esses indivíduos.

O artigo é organizado em: metodologia, linha do tempo da pandemia em escala macro e micro, consequências da pandemia nas instituições escolares especificamente e considerações finais.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis/RJ. Mestre em Educação pe Universidade Católica de Petrópolis, experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Pública e formação de docentes. Graduado em em CURSO DE PEDAGOGIA- LICENCIATURA PLENA pelo Centro Universitário de Jales (2005), DIREITO pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2009), graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.



2. METODOLOGIA

O artigo adota como metodologia o “Estado da Arte” ou estado do conhecimento que é definido por Ferreira (2002, p.258) como de caráter bibliográfico que trazem em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica e literária em diferentes campos do conhecimento, tentando responder questões escolhidas a partir da problemática.

O Estado da Arte é uma metodologia que permite conhecer o que já foi construído e discutido sobre um tema, ou seja, é uma busca por referenciais que fazem sentido a problemática escolhida, possibilitando a escrita de novos títulos a cerca de determinado assunto. Essa metodologia permite um mapeamento de estudos e organização das etapas que devem ser escritas para que o trabalho científico faça sentido. Para escrever esse tema foram escolhidos, inicialmente, dois livros da psicologia; um de Freud “Escritos sobre a guerra e a morte” que é a base do trabalho e como complemento da discussão o livro “Vigiar e Punir” de Michel Foucault. Alguns artigos relacionados aos relatos de Freud em seu livro também foram usados e informações científicas publicadas no site do Ministério da Saúde e do jornal eletrônico “EL PAÍS” sobre a Covid-19 ajudaram a compor as informações necessárias para construir a linha do tempo.

3. A PANDEMIA

Em dezembro de 2019, uma doença desconhecida surge na cidade de Wuhan, na China. A comissão Nacional de Saúde da China confirma um mês depois que o novo coronavírus podia ser transmitido entre seres humanos. No dia 24 de janeiro os primeiros casos na Europa surgem, especificamente na França, em 26 de fevereiro os primeiros casos de Covid-19 aparecem nos Estados Unidos. Segundo a OMS em apenas três meses, o vírus havia se espalhado por 150 países e territórios. Porém só em março a OMS declara estado de pandemia mundial.

A Pandemia da COVID-19 inicia-se no Brasil em 26 de fevereiro de 2020, na cidade de São Paulo. Um homem de 61 anos recém chegado de uma viagem da região da Lombardia, Itália, que estava sofrendo um surto do vírus. Desde então, a doença se espalhou por todo o Estado por uma transmissão chamada de comunitária (não se sabe exatamente onde a pessoa contraiu o vírus). No dia 5 de junho, o Ministério da Saúde excluiu do boletim diário, o número de pessoas infectadas pela Covid-19 e o número total de mortes causada pela mesma, isso porque o Governo vigente também omitiu as mesmas informações, foi contra as recomendações



da Organização Mundial da Saúde (OMS) que estava a par do controle e das formas de controlar a proliferação de mais vítimas a nível mundial.

4. AS CONSEQUÊNCIAS

O Brasil teve uma elevação no número de casos e no número de mortes, a Covid-19 chegou em todos os Estados do país, ocasionando uma medida de isolamento social em fases, de acordo com o número de leitos e vítimas da doença em cada Estado. Devido a essa medida de isolamento, foi imposto no Estado de São Paulo, e mais tarde em outros Estados, que apenas os estabelecimentos essenciais a população permanecessem abertos (mercados, postos de combustíveis, farmácias, hospitais, oficinas mecânica, serviços de proteção, entre outros), os serviços que não fossem listados como essenciais teriam suas atividades sociais interrompidas por tempo indeterminado.

Com a interrupção das atividades de vários setores econômicos e públicos alternativas começam a ser pensadas para que a economia não estagne. Algumas empresas adotam trabalhos *home office*, permitindo que o funcionário trabalhe para a empresa de forma remota, ou seja, distante de forma online. Com essa adequação das empresas, as instituições escolares começam a repensar como faram para que o ano letivo não seja perdido.

Superada a pena, notar-se-á que a nossa elevada estima dos bens culturais não sofreu uma diminuição pela experiência da sua fragilidade. Voltaremos a construir tudo o que a guerra destruiu, talvez em solo mais firme e com maior perenidade. (FREUD, 2009, p. 35).

No livro “Escritos sobre a guerra e a morte”, Freud conta um pouco de como a guerra afeta a vida da sociedade e como a sociedade passa a se reinventar para lidar e continuar vivendo depois desse trauma. No caso, não estamos em guerra, mas estamos vivendo uma pandemia que têm matado milhões de pessoas, tem acarretado inúmeros casos de traumas psicológicos tais como ansiedade, síndrome do pânico; tem afetado na economia, no Ensino e em vários outros setores da sociedade, assim como as guerras causariam.

Os indivíduos começam a pensar em como continuar suas rotinas de forma remota. As instituições escolares entram na onda do “novo normal” e declaram a continuidade das aulas de forma online. Sim, aparenta estranheza que uma escola de ensino regular comece a apresentar todo seu conteúdo online e incentive os alunos a usarem o celular para acompanhar as aulas.



Todos os ciclos, Infantil, Fundamental I e II, Ensino Médio e Universidades, continuam seu ano escolar através de uma tela de celular. Por mais que existam cursos em formato online, não faz sentido Educação Infantil, que precisa que a criança se permita a novas experiências sensoriais e sociais, ser online. Também não faz sentido cursos do Ensino Superior serem remotos, visto que é preciso fomentar discussões e contatos sociais.

O que acontece é que esse modelo foi imposto, visto que a economia optou por esse novo modelo.

O Estado exige dos seus cidadãos o máximo de obediência e de abnegação, mas incapacita-os mediante um excesso de dissimulação e uma censura da comunicação e da expressão das opiniões, que deixa sem defesa o ânimo dos assim intelectualmente oprimidos frente a toda a situação desfavorável e a todo o boato desastroso. Desliga-se das garantias e dos convênios que o vinculavam aos outros Estados, confessa abertamente a sua avareza e a sua ânsia de poder que, em seguida, o indivíduo deve sancionar por patriotismo. (FREUD, 2009, p.9).

E o poder é exercido em pessoas, pessoas essas que se conformam com as estruturas impostas, muitas vezes por medo e outras por alienação.

Foucault (1987) nos deixa a reflexão sobre como o ser humano é domiciliado para obedecer ao que um sistema (que detém o poder) impõe. Desde que o ser humano nasce, ele é condicionado a obedecer a regras, horários, atividades, a ter bons hábitos (moralmente impostos por alguém que denominou o que é bom e o que é ruim). Com isso, o ser humano é controlado a estar “cada um no seu lugar”, ou seja, quem não aceita o modelo de aula remota é retirado da instituição. Nesse caso, os funcionários de instituições escolares particulares é o que serão citados.

As aulas começam a acontecer em horários diversos. A princípio de forma mais amena, pois, há uma crença de que a pandemia seria passageira. Passaram 3 meses, a pandemia não passou, só piorou, e as escolas resolvem mudar mais uma vez o formato das aulas remotas. O conteúdo começa a ser dado como se estivessem em sala de aula, os professores são obrigados a aprender novas funções tecnológicas, por exemplo, editar vídeo, para que as aulas fiquem mais interessantes e para que os alunos participem. A compra de equipamentos de vídeo também é exigida pelas instituições, para que a aula se torne o mais próximo do presencial possível.



Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso (FOUCAULT, 1987, p. 30)

Foucault (1987) traz um comentário feito por Rushe e Kirchheuner em que eles dizem: “a sociedade muda as formas de economia, logo, as formas de punir também mudam” e é exatamente essas formas de punir que as aulas remotas mudaram. Durante as aulas, os professores tem o poder de mutar o microfone dos alunos, assim, não permitindo que os mesmos falem durante a exposição de aula; outras instituições, no caso do Estado de São Paulo, adotaram aplicativos onde as aulas são disponibilizadas ao vivo por professores (não especificamente o da turma) e os alunos não tem a opção “falar”, ela é substituída por um *chat* em que o aluno pode escrever sua dúvida e quando possível é respondida por algum professor disponível. Essas penalidades são chamadas por Foucault de micro penalidades.

Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações. Trata-se ao mesmo tempo de tornar penalizáveis as frações mais tênues da conduta, e de dar uma função punitiva aos elementos aparentemente indiferentes do aparelho disciplinar: levando ao extremo, que tudo possa servir para punir a mínima coisa; que cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora. (FOUCAULT, 1987, p. 203).

Mas não é só o aluno que sofre com algum tipo de penalidade, conforme já citado, os professores, principalmente de rede particular, sofrem com ameaças constantes. Há 7 meses de pandemia, com aulas online, muitas escolas particulares perderam alunos, visto que os pais tiveram que cortar alguns gastos, ou simplesmente não quiseram pagar mais as escolas, mesmo



elas oferecendo as aulas remotas. Com isso, professores tem sofrido ameaças de perder seu cargo na instituição.

Coordenadores, diretores, donos de escolas, tem assistidos as aulas de seus professores, de forma omissa ou não, tomando nota do número de alunos participantes, da forma como o professor conduz a aula, de horários e horas aula dadas. Com essa fiscalização, começa uma comparação de um individuo com o outro e a forma como cada um trabalha, por exemplo: se na aula da professora Maria tem 20 alunos que participam, ligam a câmera para interagir, fazem perguntas, etc. e na aula da Paula tem 10 alunos que não participam, não ligam câmera e não se importam em fazer perguntas, haverá uma comparação e a Paula terá que se adequar ao jeito da Maria em dar aula, caso o contrário ela corre o risco de perder seu cargo em meio a pandemia.

Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações (FOUCAULT, 1987, p. 163).

Essas questões trazidas nesse artigo conversam muito bem com o que Foucault fala em “vigiar e punir”, pois, ele aborda a relação entre o poder e o conhecimento e de como são usados para o controle social por meio das instituições sociais, no caso, a instituição escolar em tempos pandêmicos e como ela tem tratado seu corpo docente e seus alunos em um momento tão frágil e difícil em que temos vivido.

Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (FOUCAULT, 1987, p. 164).

Alguns psicanalistas acreditam que todo esse processo e mudanças em tempos de pandemia têm pontos positivos e pontos negativos. Os pontos positivos seriam as possibilidades de que o individuo tem de repensar a maneira de como vive a vida, podendo viver o *carpe diem*² e que essa transformação pulsional favorece a melhora da civilização, assim como Freud menciona em seu livro. Porém, existem também os pontos negativos que podem ser desenvolvidos, podemos denominá-los de traumas.

² O significado de *Carpe Diem* é um convite para que se **proveite o tempo presente**, usufruindo os momentos intensamente sem pensar muito no que o futuro reserva.



Freud (2009) fala sobre os traumas que a guerra pode causar e como já dito os traumas que a pandemia pode causar são inúmeros, principalmente para os professores e os alunos, pois, as marcas sempre ficam e nada será igual como antes. O seguinte trecho Freud (2009) cita as marcas que a guerra deixou na sociedade.

Um ano depois, rebentou esta e roubou ao mundo todas as suas belezas. Não só aniquilou a magnificência das paisagens que percorreu e as obras de arte com que tropeçou no seu caminho, mas também abateu o nosso orgulho pelos progressos conseguidos na cultura, o nosso respeito perante tantos pensadores e artistas, as esperanças que depuséramos numa superação definitiva das diferenças que separamos povos e as raças entre si. A guerra enlameou a nossa excelsa equanimidade científica, patenteou na sua crua nudez a nossa vida pulsional, soltou os espíritos malignos que em nós habitam e que supúnhamos definitivamente dominados pelos nossos impulsos mais nobres, graças a uma educação multissecular. Encerrou de novo o recinto da nossa pátria e voltou a tornar longínquo e vasto o mundo restante. Arrebatou-nos muito do que amávamos e mostrou-nos a caducidade de muito que julgávamos estável (FREUD, 2009, p. 34).

Essa caducidade que Freud (2009) cita é o potencial do ser humano em recomeçar depois da tempestade, ou seja, o ser humano passa por um trauma e a partir disso ele se reinventa, ele se ergue mais forte. Porém, as sequelas ainda ficam ali, elas não são apagadas, nada volta a ser como era antes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O novo normal nas instituições escolares traz uma reflexão muito importante quando comparada as obras escolhidas. O que antes era proibido e gerava um mal estar entre os discentes e docentes, hoje é a ferramenta obrigatória de aula; a comunidade escolar teve que se reinventar em meio ao caos para que o ano letivo continuasse, independente de questões sociais e estruturais (todos os alunos tem internet? Todos os alunos têm celular?) e há uma piora quando vemos a figura do docente, principalmente o docente das instituições particulares, que vem sendo cobrado, vigiado e ameaçado constantemente.

Comparar a pandemia com os tempos de guerra relatados por Freud (2009) faz todo sentido e ajuda a entender o ser humano em seus traumas e como isso afetará todo o restante de sua vida. O ser humano trata seu trauma e luto de forma individual e com isso suas pulsões vem a tona sujeitando-o a não distinguir moralmente o que é bom ou ruim, com isso as atitudes



**Educação como (re)Existência:
mudanças, conscientização e
conhecimentos.**

15, 16 e 17 de outubro de 2020

Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso - Maceió-AL

tomadas perante aos outros é questionada, como por exemplo, o que as instituições tem feito com seus alunos e professores. É esperado que haja uma melhora na civilização após a pandemia, como disse Freud (2009) após essa mudança cultural e essa ressignificação social, as transformações pulsionais vem a melhora.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Disponível em: https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acessado em: 30/09/2020.

FERREIRA, Norma S. de A. As pesquisas denominadas estado da arte. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, n. 79, agosto, 2002. p. 257-272.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

FREUD, S. *Escritos sobre a Guerra e a Morte*. LusoSofia: Covilhã, 2009.

HERZOG, R; DE OLIVEIRA, F.H. Guerra, violência e pulsão de morte: uma articulação não evidente. *Psicologia em estudo*, Maringá, v.15, n.3, p.593-601, jul./set. 2010.

PIRES, L.S.; ANDRINO, B.; LLANERAS, K.; GRASSO, D. O mapa do coronavírus: como aumentam os casos dia a dia no Brasil e no mundo. *Jornal eletrônico: El País*, 9 de julho de 2020. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2020/03/12/ciencia/1584026924_318538.html. Acessado em: 6/09/2020